

PROGRAMAS PERFORMATIVOS E AGENCIAMENTOS DIDÁTICOS NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR OU EMPUNHAR A PROFESSORALIDADE E FAZÊ-LA VIBRAR

Profa. Ms. Thaise Luciane Nardim¹

Resumo: Alinhado à noção de Programa Performativo elaborada por Eleonora Fabião a partir da menção à ideia de Programa em Gilles Deleuze, a comunicação propõe um Programa Performativo agenciado didaticamente, isto é, um Programa Performativo entendido como didático não apenas *lato sensu*, por sua natureza de disparador de experiências, mas como possibilidade para elaboração parcialmente estruturada de situações de aprendizagem. Advogando em nome de uma estética da professoralidade, tal como proposta por Marcos Villela Pereira, o texto apresenta o professor(performer), no planejamento e ocorrência do Programa Performativo agenciado didaticamente como uma figura estética, responsável por curvar e convergir planos a fim de crivar, no caos, o currículo.

Palavras-chave: Pedagogia; Programa Performativo; Professoralidade.

Em seu texto “Programa Performativo – o corpo-em-experiência”, apresentado no II Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas, realizado pelo LUME Teatro na UNICAMP em 2013, a pesquisadora, professora e performer Eleonora Fabião propõe a ideia de Programa Performativo para singularizar um procedimento composicional que conforma obras de arte da performance contemporâneas. Caracterizado como “motor de experimentação”, tal e qual Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem com relação ao programa desejante executado pelo sadomasoquista em “28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Órgãos” (1999), o procedimento, na definição de Eleonora, é “enunciado da performance: um conjunto de ações previamente estipuladas, claramente articuladas e conceitualmente polidas a ser realizado pelo artista, pelo público ou por ambos sem ensaio prévio” e funciona porque “a prática do programa cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa” (FABIÃO, 2013, 4).

Explorando a ideia da obra de arte da performance como um programa, sem entrar no mérito da denominação e uso propostos por Fabião, podemos observar que há uma noção de aprendizagem que está implícita a esse modo de entender a obra. Se o performer “suspende o que há de automatismo, hábito, mecânica e passividade no ato de pertencer” (FABIÃO, 2013, 7) e se “através da realização de programas, o artista desprograma a si e ao meio” (FABIÃO, 2013, 8) é porque o artista, previamente à elaboração de um trabalho, reconhece a prática performática como um fazer que corpa, um agenciamento complexo que implica em si atos de adaptação e de criação – isto é, implica aprendizagem (SCHÉRER, 2005).

Performers performam não apenas para comunicar ou expressar. Os blocos de sensações criados por performers pretendem evocar sensações não vividas não apenas no espectador que se põe em contato com sua obra, mas também em si e em potenciais participantes, na extensão duracional da obra, através de um exercício programado de sua presença e pertencimento, que os abrirão de modo qualitativamente diferenciado para o fora. Inexiste, nesse modelo, as funções de receptor e emissor como distintas. Conteúdo e expressão, suas formas e substâncias, compõem-se a partir da assunção de que a experiência performática atualiza em todos os presentes um modo de aprendendo – processo que, como nos dirá René Schérer ao abordar o

¹ Artista em performance. Filiação Institucional: Professora Efetiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT); Doutoranda em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Membro do Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (Mackenzie/CNPq). E-mail: thaise.nardim@gmail.com.

aprender em Deleuze, não se encerra quando um saber é adquirido, mas que deve ser incessantemente re-começado (SCHÉRER, 2005, 1184) e que, na vida performática, pode re-iniciar-se a cada novo programa, sempre diferente.

Não defendemos que este seja um caráter distintivo da performance enquanto linguagem – inclusive porque relutamos em tomá-la como tal. Entendemos que a composição de obras de arte em quaisquer linguagens se oferece como instância privilegiada para aprendizagens, ainda que o intuito didático não integre a ontologia da arte. Porém, não é por purismo normativo que deixaremos de apresentar nossa leitura, que compartilha do mesmo pressuposto que a afirmação de Pedro Dolabela Chagas ao comentar as relações entre arte e política em Deleuze e Guattari: “mesmo se subtraindo à racionalidade, a experiência estética nem por isso a afeta menos (CHAGAS, 2005, 378). Mesmo distinta da didática, nem por isso a experiência estética deixa de atualizar deslocamentos de sentido, aprendizagens. Não se trata de semantizar o acontecimento estético, mas de esteticizar o acontecimento pedagógico.

Considerando os fatos acima apontados, nos propomos então a pensar as possibilidades do recurso ao Programa Performativo e suas qualidades inerentemente didáticas no contexto da instituição escolar, sendo que o termo didática, aqui, refere-se à ideia de aprendizagem acima enunciada. O que aproxima e o que distancia a execução de um programa em um contexto artístico – como dentro do espaço de uma galeria – e do mesmo programa no contexto escolar? Se olharmos para as performances contaminados pela ideia de que o performer pode ter consciência das qualidades didáticas que elas possuem, podemos notar concomitantemente numerosas similaridades e incontáveis discrepâncias entre um Programa Performativo e o tradicional planejamento de um curso em modalidades formalizantes de ensino, isto é, formas que supõem a aplicação de um conjunto estruturado de situações e práticas elaborado previamente por um docente para que seja realizado por ele e pelos discentes – sem ensaio prévio, ativando conceito e afeto.

Programas Performativos poderão promover agenciamentos didáticos dentro das instituições escolares quando acionados por Professores Performers. E para alcançar o estado de Professor Performer é preciso que sujeito empodere-se de sua professoralidade, entendida aqui como

(...) não uma identidade que um sujeito constrói ou assume ou incorpora mas, de outro modo, é uma diferença que o sujeito produz em si. Vir a ser professor é vir a ser algo que não se vinha sendo, é diferir de si mesmo. E, no caso de ser uma diferença, não é uma recorrência a um mesmo, a um modelo ou padrão. Por isso, a professoralidade não é, a meu ver, uma identidade: ela é uma diferença produzida no sujeito (PEREIRA, 2013, p. 35).

O Professor Performer é um professor que empunha sua professoralidade e a faz vibrar. Ele busca agarrar as forças visíveis e invisíveis que estão trabalhando na construção de sua subjetividade e pretende orquestra-las para criar em sala de aula, assim como fora dela. O “como ser professor” aproxima-se do “como ser performer”, isto é, as respostas não são prévias nem forçosamente modeladas por linguagens ou métodos, mas estão em processo a partir da série de materiais de que esse processo de subjetivação dispõe.

Assim como o performer busca no Programa Performativo uma possibilidade de organização que mantenha o apuro conceitual através da clara articulação das ações, o Professor Performer buscará em seu Programa Performativo de agenciamento didático não permitir que o tempo-aula se degrida em direção à velocidade absoluta, decompondo-se. Com Programa Performativo agenciado didaticamente o Professor Performer faz ovo-aula, programa a indistinção entre os acontecimentos maquinando através de conteúdos mínimos pré-arranjados. O programa permite um deslizar prudente da experimentação entre planos de imanência e de

composição, cravando no caos possível o currículo que garante a permanência do Professor Performer na situação docente (prudência, uma vez mais).

Referências

CHAGAS, Pedro Dolabela. Arte e política. O quadro normativo e sua reversão. *Revista Kriterion*, Belo Horizonte, n. 112, p. 367 a 381, dezembro de 2005.

FABIÃO, Eleonora. “Programa Performativo: o corpo-em-experiência”. *Revista Ilinx*, LUME – UNICAMP, Campinas, n. 4, dezembro de 2013. Disponível em: <<http://www.cocen.rei.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/276>>. Data do acesso: 08/06/2014.

PEREIRA, Marcos Villela. *Estética da professoralidade*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013.

SCHÉRER, René. “Aprender com Deleuze”. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, n. 93, v. 26, setembro a dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000400003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Data de acesso: 08/06/2015.